

Imagens com golpistas derrubam ministro

General Gonçalves Dias, que comandava o GSI, é o primeiro titular de pasta a cair na gestão Lula. Vídeo mostra que o militar interagiu com extremistas que invadiram o Palácio do Planalto nos ataques do 8 de janeiro

» LUANA PATRIOLINO
» RENATO SOUZA

Com a situação insustentável, o general Marco Edson Gonçalves Dias pediu demissão do cargo de ministro-chefe do Gabinete de Segurança Institucional (GSI). O militar foi flagrado em gravações do circuito interno do Palácio do Planalto interagindo com extremistas bolsonaristas que invadiram e depredaram o local em 8 de janeiro. Ele é o primeiro ministro a cair neste terceiro mandato do petista.

G. Dias, como é conhecido, decidiu pela exoneração após reunião com o presidente Luiz Inácio Lula da Silva. O petista já havia sido aconselhado por aliados a dispensar o ministro. Na manhã de ontem, a CNN divulgou gravações das câmeras de segurança do Planalto, mostrando que o militar e outros oficiais do GSI circulavam pelo edifício em meio à invasão dos radicais bolsonaristas.

Fontes próximas a Lula, consultadas pelo Correio, afirmam que o presidente não tinha visto as imagens que mostram G. Dias no Palácio do Planalto. O chefe do Executivo teria solicitado o acesso ao vídeo das câmeras de segurança logo após os ataques, mas teria recebido o então ministro a informação de que o material estava indisponível por causa de problemas técnicos. Ainda de acordo com interlocutores, o petista não insistiu no assunto, mas pediu que fosse arquivado quando o arquivo fosse recuperado.

Em nota, o GSI afirmou que vai apurar a conduta de todos os envolvidos. Já a Secretaria de Comunicação Social (Secom) disse que, à época, o governo Lula era recém-empesado, "portanto, com muitas equipes ainda remanescentes da gestão anterior, inclusive no Gabinete de Segurança Institucional (GSI), que foram afastados nos dias subsequentes ao episódio". A pasta informou que todos os agentes que aparecem nos vídeos estão sendo identificados e que o governo tem tomado todas as

José Cruz/Agência Brasil



Lealdade

A portas fechadas, Lula avaliou que G. Dias foi enganado por sua própria equipe, que era composta, em sua maioria, por apoiadores do ex-presidente Jair Bolsonaro. Não há, no Planalto, desconfiança em relação à lealdade do general, que foi chefe da segurança de Lula em seus dois mandatos, de 2003 a 2010. Mesmo assim, a avaliação é a de que ele, mesmo após a troca de subordinados, não demonstrava ter controle da equipe. As funções do GSI, sob G. Dias, foram pouco a pouco esvaziadas, tanto que até mesmo a Agência Brasileira de Inteligência (Abin) saiu de sua alçada e passou para a Casa Civil, comandada por Rui Costa.

medidas cabíveis na investigação do episódio.

À Jornal Nacional, da TV Globo, G. Dias alegou que, quando foi filmado no Planalto, estava auxiliando na prisão de bolsonaristas. "Cheguei ao Palácio quando os manifestantes tinham rompido o bloqueio militar na altura do Ministério da Justiça. Aquela turma desceu e praticamente invadiu o Palácio", disse. "Não sei onde vazou. Distribuímos imagens para vários processos: à Polícia Federal, ao Ministério Público, à Polícia Militar, pedido pelo Cappelli (Ricardo Cappelli, interventor no Distrito Federal à época, nomeado por Lula), e ao Comando Militar do Planalto (...)", afirmou. "Todo o pacote enviado às autoridades policiais tem as imagens completas daquele dia fático, 8 de janeiro. Isso inclui essas imagens também. De onde vazou, realmente não sei. Merece até ser apurado."

Atestado médico

Horas depois de o escândalo estourar, G. Dias informou que não iria ao depoimento marcado na Comissão de Segurança Pública da Câmara dos Deputados. Ele prestaria esclarecimentos sobre as ações de sua pasta durante atos antidemocráticos. Como justificativa, apresentou um atestado médico e se colocou "à disposição para agendamentos futuros".

O militar era o responsável por orientar o serviço de inteligência de segurança do presidente da República. Ele foi convocado a prestar depoimento por parlamentares de oposição. Os políticos alegam que ministros do governo Lula teriam preparado nas ações de enfrentamento aos bolsonaristas que destruíram os prédios dos Três Poderes.

Em outra frente, a Polícia Federal deve intimar o ex-ministro do GSI a depor nos próximos

Saiba mais

Abraço do presidente

Horas depois que as gravações se tornaram públicas, colegas do general Gonçalves Dias o convenceram a entregar o cargo, sob o argumento de que sua permanência na equipe levaria a crise para o gabinete do presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Em reunião de emergência convocada com o general e ministros do Planalto, no fim do dia, o chefe do Executivo lamentou o desfecho da situação e se despediu de G. Dias, que é seu amigo, com um forte abraço. A demissão do militar foi publicada em edição extraordinária do Diário Oficial da União.



Sempre pautei minha vida pela honra. Coloquei meu cargo à disposição do presidente para que toda a investigação seja feita. Estou muito triste. Os vídeos são um absurdo"

Gonçalves Dias, ex-ministro-chefe do GSI

dias. A corporação investiga a omissão de autoridades nos atos golpistas. O inquérito corre no Supremo Tribunal Federal (STF), sob relatoria do ministro Alexandre de Moraes.

Chefe interino

Após a queda de G. Dias, Cappelli assume interinamente o GSI. Secretário executivo do Ministério da Justiça e Segurança Pública, ele deve ficar no cargo até a escolha de um nome definitivo para o posto, decisão que cabe a Lula.

De acordo com fontes no governo, a escolha de Cappelli se deve ao trabalho realizado por ele durante a intervenção federal na segurança pública do DF, após os atentados de 8 de janeiro. Ele foi responsável por exonerar integrantes da segurança da capital suspeitas de participação ou omissão nos ataques.

Governo muda de postura e passa a apoiar CPMI

» RAPHAEL FELICE
» TAÍSA MEDEIROS

O escândalo envolvendo o general Gonçalves Dias, agora ex-ministro do Gabinete de Segurança Institucional (GSI), aumentou a pressão da oposição pela abertura da Comissão Parlamentar Mista de Inquérito (CPMI) dos atos golpistas e mudou a postura do governo, que agora apoia a instauração do colegiado.

O líder da oposição no Senado, Rogério Marinho (PL-RN), afirmou que a Casa precisa "sair da letargia". Ele fez coro pela instalação da comissão. "Repito: não há normalidade neste país. O chefe do GSI acaba de pedir demissão. E o faz, certamente, por entender que pairam sobre ele sérias dúvidas em relação ao episódio de 8 de janeiro. Isso não é uma questão qualquer. Isso não é uma questão

corriqueira", argumentou.

Ào Correio, o senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ) disse que as imagens levam a crer, "no mínimo", numa "facilitação para que vândalos transitassem e quebrassem tudo dentro do Palácio do Planalto". "No meu ponto de vista, cai por terra narrativa falsa de que o presidente Jair Bolsonaro tinha alguma vinculação com esses atos", frisou.

Líder da oposição na Câmara, o deputado Carlos Jordy (PL-RJ) destacou que o vídeo de Gonçalves Dias no Planalto foi uma das motivações para o governo atuar contra a CPMI nos bastidores.

"Essa foi a demonstração de porquê eles não estavam querendo que fossem divulgadas as imagens e nem que fossem instalada a CPMI. Porque as imagens deixam claro que havia a participação do ministro do GSI, com os seus integrantes do GSI, permitindo que

Genardo Magalhães/Agência Senado



Randolfe: "Estamos com desejo de ter essa investigação"

houvesse toda a participação dos vândalos, dos invasores no local", ressaltou Jordy.

Já as lideranças governistas sustentaram que querem a apuração no Parlamento. "Estamos com desejo de ter essa investigação. Se estão obstruindo por essa CPMI, ouçam bem claramente: queremos a investigação, queremos, porque, no 8 de janeiro, houve três vítimas neste país: a República, a democracia e o atual governo", enfatizou o senador Randolfe

Rodrigues (Rede-AP), líder do governo no Congresso.

"Narrativa"

Por sua vez, o líder do governo na Câmara, José Guimarães (PT-CE), alegou que a atuação contrária à CPMI, nos últimos dias, ocorreu por entender que comissões de inquérito "não servem" para governo, que deve se preocupar com "pautas importantes" para o país.

Ele negou que o Executivo fará movimentos para assinar o requerimento do deputado André Fernandes (PL-CE), mas que vai ajudar na investigação assim que a comissão for instalada.

"Essa narrativa que eles estão dizendo que o governo está por trás, para nós, isso não cola. Existem vídeos e mais vídeos, até de parlamentares fomentando e articulando as pressões do dia 8", afirmou. "Foi o nosso governo que agiu, pediu

celeridade, uniu o país, uniu os Poderes para enfrentar aquela tentativa de golpe. Foi, sim, uma tentativa de golpe patrocinada, porque ainda hoje temos um ex-ministro da Justiça preso aqui em Brasília", acrescentou, em referência ao titular da pasta da Justiça no governo Bolsonaro, Anderson Torres.

Deputados governistas, como Lindbergh Farias (PT-RJ) e Orlando Silva (PCdoB-SP), entendem que a oposição dará um "tiro no pé" ao avançar com a CPMI. Segundo o parlamentar paulista, o governo não teme a comissão, por ser vítima dos ataques do dia 8.

"Quem não deve não teme. Quem cometeu os ilícitos no dia 8 de janeiro não foi ninguém da base do governo. Lula é vítima desse processo. Por que a gente vai hesitar? Então, comecemos a decisão do líder do governo de estimular que a comissão seja instalada", disse.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Correio Braziliense - Brasília/DF

Seção: Política **Página:** 2